

Trato neste livro do problema da comunicação poética crente que ela traz em si peculiaridades que a caracterizam. É uma comunicação diferida, assimétrica, desarmônica e diferente, e nessa diferença reside sua singularidade, instala-se o quid.

Comunicação conota mensagem. E valoriza o receptor (destinatário da mensagem lingüística). Nela, é essencial a pessoa que fale (emita a mensagem ou emissor).

A linguagem poética apresenta, como disse, singularidades. Mesmo que emita mensagem, o receptor não é o fator principal. A mensagem poética não é (nem deva o ser) formulada tendo em vista o leitor. O leitor do poema é acidental.

Importa na poesia a palavra (desligada de referentes físicos ou psicológicos, de bases realistas ou metafísicas) e não o que carregue de verdade ou falsidade. De realidade ou artifício. O referente ou o conceito (uma das faces da moeda do signo), cujos sinais (que compõem um sistema, o código da linguagem) são as palavras, não é relevante na poesia.

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

Na mensagem literária não há uma relação direta entre o locutor, o destinatário da mensagem – leitor e o seu objeto ou significado. A dita mensagem não estabelece uma unidade entre emissor e destinatário, poeta e leitor. Não se estabelece um vetor ou traço de união entre eles, posto que o destinatário não é o alvo ou objeto do poeta.

Na mensagem literária, o objeto ou alvo (não é o leitor) mas é o próprio poema, que não é veículo porém objeto da mensagem.

O poema completa-se quando se torna objetivo (e nunca pessoal) para o poeta e essa objetividade alcança o leitor, daí dizer-se que o poema é um objeto de palavra.

Nesse contexto ocorre a comunicação poética incompatível com àquela estabelecida pela comunicação prosaica, comum, científica, etc.

Esse tipo de comunicação causa uma sensação de expressividade, maravilha o leitor, e não é um comando ou pedido de compreensão ordinária, nem traz nenhum pleito ou crenças.

O leitor é acicatado em sua inteligência ou sensibilidade, é estimulado neuronicamente, seu cérebro movimenta-se pois algo complexo o depara, exige compreensão visceral: não é mero recado.

Nessa diferença de grau, estágio de entendimento, hesitação entre o fácil e o sutil, entre o simplório e o complexo, habita o verbo original.

Cada leitor sente diferentemente aquele objeto de palavra a que sua alma acessa com a (múltipla) leitura, porque os estímulos a que se sujeita diferem dos que o poeta recebeu ao compor o poema.

LEITOR DE POESIA QUE SE DANE

Sigo fielmente o conceito de que poesia se faz com significantes (o lado da moeda do signo oposto ao significado), portanto não me preocupa o quer queira dizer minha poesia. Resultado: ao ler meu poema quero que o leitor se dane, quebre a cara (dele ou do outro, não a minha).

A linguagem poética difere da científica, em que a função determinante é a referencial – a denotação como instrumento da prosa precisa (isto é, conceitos ou significados sobrepondo-se à forma) e da filosofia, em que o fator primacial é o código (isto é, o sistema de sinais sobre o qual se debruça o filósofo, incide a análise).

Difere da linguagem comum, cotidiana, do dia a dia, que tem por fulcro a comunicação estrita, exata, produtiva, sem ruídos, em suma, denotativa.

Mesmo que a poesia carregue alguma mensagem (o que não interessa discutir aqui), o fator predominante não é o referente.

A poesia se caracteriza pelo rigor do laço estabelecido entre palavra e conceito (referencial),

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

isto é, não tem como finalidade o significado. Este é o campo privado da prosa. Se V. tem algo a dizer num texto, recado, lição (de moral ou não), comunicação ou equivalente, use a prosa para tal, que é a linguagem mais adequada. O território sagrado, exclusivo da prosa é o dizer, a informação, esteticamente ou não.

O uso da palavra como denotação equivale a objetar um referente, alcançar a precisão significativa (com todos os seus is com respectivos pontos), isto é, colimar com significados.

Mas cada palavra apresenta, ao lado da marca denotativa, uma ou várias conotações, isto é, sentidos diversos nascidos do contexto e da situação ou condição do seu emprego.

O fator precípua da poesia (ou mensagem poética) não é o receptor (leitor). Daí ser bem idiota a pretensão dos que, tentados pela poesia, preocupam-se prioritamente com o leitor, o “seu público-calvo ou alvo”. O leitor que se dane. Poeta que se preze (poeta sem aspas) não dá a mínima ao leitor. Este que se vire e aprenda a arte de recepcionar o poema dignamente. Que rale. E sue. Muito. Em bicas bastantes.

(No meu caso, não lanço meus livros de poemas nem os coloco nas reles prateleiras das livrarias, para não submeter – não propriamente os leitores – os adquirentes a decepções, ou mesmo torturar o leitor comum, ordinário, fazê-los gastar o rico dinheirinho em vão, comprando-me algo ininteligível e doloroso, pesado, inconveniente para eles).

A publicidade, utilizando técnicas e procedimentos poéticos, tem por alvo especial e específico o receptor, o que não é o caso da linguagem poética.

Poeta ou (mau)dito poeta que se centre no leitor como alvo excelso de seu verso ou é ingênuo ou demagógico.

O fator principal, determinante da mensagem poética (ou do poema) é a própria mensagem (ou o próprio poema-fim-em-si-mesmo). Emissor (autor), receptor (leitor), referente (coisas da vida e do mundo, realidade vária) e código (língua) são secundários para o poeta.

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

Tudo está na mensagem em si, visa a ela (nada além dela, que não é veículo, mas finalidade, objetivo do poema).

A mensagem em poesia constitui-se em um todo independente de querer dizer algo, e compraz algo autônomo. Não o que esteja além da mensagem.

A poesia objetiva dar novos usos ao código, renovar a linguagem da tribo, de conformidade com a gramática da imaginação. Ou com a sintaxe do sonho. (Que o repita Mallarmé).

POEMA REDONDO

A terra exige seus direitos (alienáveis)

apregoa aos predadores suas mazelas

desola Eliot

que olha nervuras e trevos

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

e treina malmequeres em Álbion

as vacas sagradas dos empreendedores mugem

as veias devastadas dos jovens

pela química desenfreada da alegria petrificada

pelo êxtase comprimido em cachetes róseos

anseiam por ditirambos e renúncias democráticas

hinos de cinza brindam em taças de tórios

lábios plutônicos expiam vaginas de urânio

sons de amianto modelam pianos venenosos

bocas de céσιο anelam por hecatombes goianas

eitos de novalis se acumulam sob a lua

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

que fareja nos silos de pounds de algibeira

o limbo da palavra (sustenido pelo limo de imagem)

estéril herança, áridos legados, ócios

e trapaças azuis partilhados por usuários do verbo

imitações de falsos propércios, gravuras achatadas

vendidas por frações de sestércios (a deuses cesáreos)

cerdas para escovações viris, senis

vassouras januárias (a escavar bilhetes paradoxais)

lembranças de abortos, colmeias encantadas

encanamentos furados, urbanismos desmontados

vazantes de mostardas, camelos de agulhas

palheiros incrédulos, fés vazias, cristos nus

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

bisnagas de libélulas, êmbolos de najas

emolumentos de náusea e vômitos de Platão

em bacias pitagóricas exatas e metalúrgicas

oferecem muralhas para almas punidas

da pena de nunca recuperarem

os corpos de que desfrutavam

(quando de suas passagens pelos prazeres do trânsito)

no pronto atendimento dos desejos mundanos

pendurados na cornija dos anos

envergando trajes sumérios

ou medas túnicas hipócritas

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

a nudez com instruções de uso em aramaico

arcaico ou moderno português brasileiro.

E a quem interessa a corda, o canto, a morte

senão a Ulisses conhecido por Ninguém, especialista

em cegar ciclope, seu único olhar vaziar?

Eis a questão que sondo neste poema redondo.

Esponjas de restos (orgânicos)

sais sinceros, detergentes leves

alvejantes lentos

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

sabões de lupanares chineses

sons de rãs nipônicas

tanque de Veneza e água francesa

para lavar máscara.

POEMAS (2011)

Degas dá ideias, Mallarmé

entra com palavras

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

eis o mais plástico poema.

Adentras interior da alma

onde silêncio vicia

pelos arredores do rumo circulas

como em uma transvia Portenha

friorento Borges.

Música dos ribeiros

melodia de riachos

sustenidos aquáticos

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

e modulações de pássaros

aos olhos holandeses de Van Gogh

é um poema.

NOVE REFLEXÕES PARA ESTE DOIS DE NOVEMBRO

APRESENTADAS NO VELÓRIO POÉTICO DE 2011

O estreito (e impune) espaço tumular

leito sem fôlego do escuro caixão (onde nada adianta

remexer ou protestar)

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

é tua eternidade, amiga

companheira desta noite à beira do cemitério

assim que te fores transferida

1. morar na cidade defronte (de pés juntos).

O que isso custará ao tempo? Um centavo

alguns dias, poucos anos senis, dólar moribundo e fávoro

2. ou o euro fracassado de um átimo?

A cova, amiga, é tua única realidade

(palpável, úmida, pânica, irrecusável, substantiva)

deste mundo sem piedade (em que tua mãe te botou)

3. deste trânsito engarrafado chamado vida.

Tens (amiga) que ora festejas esse justo dia de finados

no velório Hansen do Santo Amaro

como prêmio final do certame que disputas

uma pá de terra, alguma caliça, sete tijolos lassos

uma pilha de verme além de uma oração de pé de cova

4. e a lágrima hipócrita da parentela. Só.

O túmulo é o teu fim real.

O fim metafísico é puro embuste (logro de Deus)

armadilha da filosofia, consolo da natureza

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

5. mística invenção da mente, ardil do espírito.

O estar morto, atentes, não é um modo provisório de existência

(passagem ou ponte para o outro lado do Nada?)

6. mas, sim, uma situação eterna, irrecorrível.

O plantio gozoso do teu pai

no sáfaro ventre de tua mãe

a safra que deu teu fruto árido

da vida logo abandonado

(terra estéril que és, ônus que somos)

força é que advenha o fim da ímpia colheita

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

7. e o arado do tempo traga velha ceifeira.

(Mortos abandonam o tempo

8. terra desolada trocam pelo vazio.

NOVAS REFLEXÕES MORTAIS

(para o 5º Velório poético do Recife)

Do ctônico para o etéreo vás num sopro

passagem sem ventre, óssea hospitalidade

1. da terra tua madrasta (como a vida).

O que há dentro, no fundo da cova (tão longe do útero)?

Além de ossos resistindo inutilmente ao tempo?

Responda, leitora?

Neste segundo dia inescrutável de novembro

ante o poético panorama do cemitério de Santo Amaro

onde ris e celebra a festa da poesia

2. no lírico e teuto velório de Sílvio Hansen.

As peias da morte, enlaces metálicos, malhas insones

correntes eternas, jaulas avaras de nossa vida

que nos prendem ao confim do fundo da cova

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

(nos atam a ribeiras dos rios ardendo do inferno)

são de aço eterno (metal que Deus bem temperou).

Nada nem ninguém (divino ou não) há de desatar

3. nos libertará delas.

A sentença do Juízo Final quem decreta

é o governo (sem recurso para nenhuma

instância metafísica ou tribunal bem-aventurado).

Não há sursis para a alma

nem consideração final do espírito

a pá é a caneta

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

o monte de terra na cara o veredicto

a boca cheia de formiga a única realidade

dessa triste (e desgraçada) pós-vida

4. (ou estadia no inferno marinho).

O atestado de óbito comprova dupla morte

da alma e do corpo

e a verdade final da pá de caliça

é estampada em teu caixão oneroso

bordado de áureas filigranas passivas

– metálico lamento ecoando no vazio

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

ou em redes severinas.

5.

Nunca mais meus olhos verão luz

nunca mais meus lábios tocarão vinho

(beijarão cruz).

Nunca mais verei estrelas. Estou morta. Somente.

Toda a semente desperdiçada. (Dirás leitora bem alto

6. e ninguém te ouvirá mais).

7. Nunca: ladainha de defunto.

8. Rosas vivem da graxa dos mortos.

9. Cravo prefere cadáver pardo.

10. Defunto que se preze ganha mausoléu de presente.

A morte real é o esquecimento.

11. O cimento de esquecer seca rápido.

Só após processo legal da dor

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

certificado o fim do sopro

desatado o inventário, partilha, formol

mãos postas em presilha para o abandono

olhos bem fechados para a vida

lágrima coagulada na retina

riso coalhado em esgar

tudo nos trinques. Cumpra-se. Enterre-se.

Alea jacta est. Começa o esquecer.

12. A morte começa.

No velório enterramos o idiota (por morrer antes)

a lágrima, aridamente derramada, à solapa ri

13. como Demócrito (da democracia do átomo).

Para Heráclito a morte é única.

Dois camelos não passam num buraco de agulha.

Lágrimas são para os vivos.

14. Para os mortos o olvido.

15. Na cova cabe bem o nome.

A eternidade é inútil.

16. Como o poema.

SOBREDEUS

Tudo é inexpugnavelmente vão.

O oco é irmão do não.

A cinza prima do pó.

O céu toalha fúlgida (côncava, falsa)

de estrelas mortas.

Ficto espetáculo de brilho intermitente

para nossos idiotas olhos.

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

O cosmo campo de caça de estrelas

por buracos-negros (de pontaria certa)

famintos predadores de galáxias.

Alto páramo

que nem a imaginação alcança

resto de albumina que sobrou de Deus.

A eternidade é inútil.

Velharia. Catraca de tempo

duração vazia.

A mortalidade lavoura divina

que Deus minuciosamente cultiva (e aperfeiçoa)

cujos frutos (frios) doa-nos o Criador

aplica com eficiente inclemência a suas criaturas

(sem parcimônia, com impenitência).

A proliferação de baratas (e percevejos

que Maiakovsky tanto admira – e encena)

é a verdade mais lídima

e humana da vida

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

é a verdade (mais digna) que devassa

todos os esgotos da existência.

A única certeza que temos do mundo

(leitora idiota de umbigo nauseabundo)

é a imortalidade (como espécie) das baratas

(que vivem na Terra desde 300.000 anos

antes do homem, (depois de Deus), e nos sobreviverão, vereis

– ou não, pois não estarás aqui

para testemunhá-lo felizmente).

Deus idolatra buracos-negros, peneiras frouxas

ralos por onde desça a humanidade (que Ele criou

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

- para quê? – num átimo divo de tédio

de bendita evasão, náusea do nada, fruto

do Seu absoluto ócio – criador – e cúbica

solidão, cansaço do paraíso – Seu jardim de inverno)

adora Deus oásis ferido, areia desmoronando

ruas côncavas, peras, cones, pecados (em profusão)

coivaras, muros, dilúvios gerais, mambas (em côvados)

najas razantes, guizo de cascavéis, desespero humano

deslizamentos de terra e tsunamis nipônicos

além de vulcões chilenos acinzentando céus

mortos amontoados, ditaduras portenhas, grilhões escravos

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

crenças expostas, fraturas de placas pacíficas

armas brancas, tiros sujos, atropelamentos bêbados

balas sem destino, lenço sem documentos, noites sujas

dois perdidos, exílios, jamantas, jaguares, tigres

de Borges, comunicações de vasos, veias abertas

guerras seculares, explosões populacionais

multiplicação de pães e fetos, abelhas e mortalhas

avalanches brancas, precipícios curvos

edifícios e abismos, pulverização de fêmures

dedetês idiotas, adubos químicos assassinos

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

sinos de ângelus de basílicas vicinais

portas fechadas ou estreitas (para acesso a Seu céu)

sinas ermas, identidades múltiplas, peças de silicone

e assim séculos por séculos amém. (Basta, Senhor).

Deus gosta de horizontes de eventos, devoração de luz

avidez cósmica, explosão de anãs, imãs, nódoas, nódulos, núcleos.

Ele é fértil em buracos-negros

devorando estrelas, digerindo galáxias.

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

Deus pôs de propósito um baita de buraco-negro

no centro da Via Láctea (nosso berço)

como presente ao homem (criatura mã)

que devora o Planejta Terra

predador incorrigível

será predado por Deus.

Foi máxima (e diva) sabedoria de Deus

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

engendrar estreita a porta do céu

para que não a traspassem gente (ruim) de mais

(não a adentre pecador disfarçado de papa)

e assim manter o ambiente célico estável

(pois lá não é nenhuma São Paulo, dispara São Pedro)

e poucos pouquíssimos (porcos)

a atravessem enviados (logrando anjos guardiões)

escanhoados, suor lavando rosto culpado

a alma esfolada

(como espesso falo em vagina estreita).

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

CANTO VITAL

(EU)

Nu saí do ventre mãe

nu vim do útero úmido

para o trânsito (engarrafado

e perigoso do mundo)

porém irei logo direto ao pó

escafedendo-me do tão fugaz

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

e da cruenta vida da carne

do miserável éden terráqueo

(com essa pele fiada – e cara

que Deus deu e chama alma

ou espírito de ânsia incendiado)

nu descerei (ao inferno?)

(de volta) ao útero ínfero

Inverso e complemento da cova

(ao inferno pai irei (ireis) de qualquer jeito

sem mais demoras

morte voraz verás).

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

(Tu)

Por tua estada (amara ou algo parcamente dulce)

no mundo nada receberás de brinde

ou lembrança passageira (a não ser a mortalidade

kit que desde o berço te pertence bem atado

ao cordão umbilical como doença ou destino)

nada, absolutamente nada, levarás da vida

(como ressarcimento da irressurreição

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

tão prometida, ledo engano, armadilha)

de bem, de mal, em forma de ação, devolução

papel moeda, debênture de sopro, cédula amarela

obediente ágio prestativo. fundo, logro redondo

bilhete a engatar na catraca ou borboleta do inferno

junto à apresentação parcimoniosa arrolada

do inventário dos bens (e males) que praticaste lá fora

para justo acesso ao eterno reino morto

da Velha Senhora indesejada, das gentes

confins ardentes, páramos de cinza e pó

onde almas perambulam para sempre estupefatas.

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

Nada conduzes como atenuantes, favores

a não ser a carta das dores

a não ser a conta (ata) dos custosos pecados

rol da ingratidão que ameahaste vivendo

toda a escritura da injustiça registrada

folha corrida completa de tua (mã) existência

na terra, terra que agora corpo e alma te cobre.

pois tudo está contabilizado ato a ato

pecado a pecado, malefício a malefício

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

nos terrenais arrolamentos de Deus

cerúleos borradores, copiões celestiais

tudo lançado (e conferido) no deve divino

(diva dúvida)

livro alto das razões da ira de Deus.

A mim resta a noite sem fim (e a ti, leitora)

ardente e ífera e fria noite (do gélido

e agônico existir prêmio subterrâneo adjetivo branco)

pois a noite abre (as pernas a lâminas escuras)

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

o fruto do pesadelo

e oferece esse hausto mau

essa cena estéril

ao prolífero homem

(improfícuo e condenado ab ovo).

(Saibas, leitora, que Deus hábil sábio

Engenhoso engenheiro, fechou o paraíso (quando

expulsou Adão e Eva, Seus sublevados filhos)

e jogou fora as chaves (nas profundas do inferno

nos ribeiros ardidos em que Satanás se refresca

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

perto das fornalhas do seu comburido lar infeliz).

Nunca, até agora, no tempo em que escrevo

na página branca (lavoura poética?)

esses sulcos de palavra, cegos substantivos

podados adjetivos, nunca Deus o reabriu.

Algum átimo que respirei

(garranchos de fôlego que restou

do alento de Deus)

pago no sítio escaldante

onde perenemente cremarei.

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

O céu (não terei/terás)

tão asséptico, populoso, branco, parnasiano

cheio de sombras de beatas de batas brancas

e carolas malcheirosas ajoelhadas em milho

desde há muito interdito

a almas modernas

(sem vícios mas sem rimas).

Todos os rios (vivos) correm diretos ao mar

(que é morrer)

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

e o mar os recebe de braços, ondas

espaço, espumas, popa, proa, cabo a rabo

de corpo e alma, peito, barra

costa e frente abertos

direto ao mar (que é morrer) corre todo

e qualquer rio (ou veia viva ou veio de água inacabada)

do homem e do mundo, do tempo e da palavra.

O que foi é o que sempre será.

O que já veio é o que logo virá.

Nada é novo sob o sol (tão velho).

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

Nada haverá de novo sob a lua (ou o sal).

Tudo foi igual e nada será diferente

para nós (poetas e leitores fiéis e infiéis).

A morte é o prêmio irrecusável de viver.

Chega quando o sopro nos abandona.

Desemboca em nossas veias e cessa todo o trânsito.

É o sal contra nossa carne. Ficar só é a solução.

O sol se levanta, o sol também se põe.

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

Nada escapa de seus raios insolentes (curiosos)

de seu olhar amoedado, penetrante, celestial, amarelo

coagulado de ardor e verão ultravioleta

(que instala insolação na alma

Inocula bolhas e camadas sucessivas incessantes

de cânceres no corpo).

A geografia do olhar é rançosa

Iníqua, duvidosa, malvada, estéril, substantiva.

Se nos serve algo petrificante olhar do sol

é nos lembrar do olhar congelado da Medusa

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

de glóbulos e trombos entende nosso coração

de coágulos, aneurismas, escleroses vivem

nossas veias tristes.

(À clorose e ao clorótico

apelo do passado dedico

parte deste poema).

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

Tanto o mundo sublunar

(que ovula seu clorótico leite

sobre lobos, ruas, namoradas)

quanto a existência solar (falópica)

são mais precários do que Deus.

(que não nos ama tanto assim

e sempre nos deleta (quando o tempo quer)

cessa nosso fôlego (corta nosso lucro de ar puro)

com a amargura do sopro

arrancado de nosso peito

suprimido de nossa boca.

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

Deus nunca esqueceu

a malvadeza de Eva

e o omissso Adão

instrumento dela (e da serpente

essa outra mulher

cilíndrica e de fé ofídica).

Expulsou os filhos e fechou o éden

(não para balanço, mas para sempre)

por conta de velhos pecados

LEITOR ACIDENTAL

Escrito por Administrator

Terça, 06 Agosto 2013 20:36 - atualizado em Terça, 06 Agosto 2013 20:53

e originária desobediência

pagamos (eu e tu, leitora)

com nossa carne e alma

o exílio na terra

o desterro no inferno.

(Iludidos com o limbo

batendo desesperados

nos portões fechados para sempre

já oxidados

do paraíso nos desiludimos).